



8 • Correio Braziliense — Brasília, domingo, 7 de janeiro de 2024

Bolsas Na sexta-feira	Pontuação B3 Ibovespa nos últimos dias	Dólar Na sexta-feira	Salário mínimo R\$ 1.412	Euro Comercial, venda na sexta-feira	CDI Ao ano	CDB Prefixado 30 dias (ao ano)	Inflação IPCA do IBGE (em %)
0,69% São Paulo	132.752 02/01	4,870 (- 0,75%)	Últimos 28/dezembro 4,832 02/janeiro 4,915 03/janeiro 4,920 04/janeiro 4,910	R\$ 5,340	11,65%	11,65%	Julho/2023 0,12 Agosto/2023 0,23 Setembro/2023 0,26 Outubro/2023 0,24 Novembro/2023 0,28

SUSTENTABILIDADE

Mudanças climáticas impactam indústria

Onda de calor e eventos extremos implicam meios de produção de alimentos e energia. Fenômenos afetam o bolso do consumidor

» RAFAELA GONÇALVES

As mudanças climáticas afetam não apenas o equilíbrio dos ecossistemas e a biodiversidade, mas também a estabilidade econômica e social de milhões de pessoas. O aumento das temperaturas e as chuvas extremas, alguns dos diversos fenômenos associados, exercem impactos adversos no crescimento econômico ao afetarem setores-chave, como agricultura, energia e infraestrutura.

O Brasil sentiu na pele o alerta do planeta no ano mais quente da história — que promete ser superado em 2024. Enquanto a seca extrema castigava a região Norte, que viu a Amazônia encoberta por fumaça, os vendavais devastaram as regiões Sul e Sudeste do país.

Um relatório do Fórum Econômico Mundial aponta que esses efeitos adversos podem causar uma perda anual de 4% da produção econômica mundial até 2050. Segundo Daniel Caiche, professor de MBA da Fundação Getúlio Vargas (FGV) e especialista em mudanças climáticas e mercado de carbono, setores sensíveis às variações enfrentam desafios significativos em um futuro em que eventos climáticos extremos serão cada vez mais frequentes e intensos.

“Eventos climáticos extremos, como ondas de calor, secas e tempestades mais intensas, podem prejudicar a produtividade e a eficiência operacional, levando a perdas econômicas significativas. Portanto, a mitigação das mudanças climáticas torna-se crucial não apenas para a sustentabilidade ambiental, mas também para a estabilidade econômica global”, afirmou.

De acordo com o pesquisador, setores responsáveis pela produção de energia e alimento, respondem por uma parcela significativa da produção econômica, além de serem estratégicos para a manutenção da nossa organização social.

Preço dos alimentos

No agronegócio, responsável por cerca de 30% do Produto Interno Bruto (PIB) do país em 2023, a onda de calor que teve início em setembro afeta, principalmente, as lavouras de milho e soja da segunda safra, que é plantada no segundo semestre. Essa safra é responsável por cerca de 70% da produção total de milho e soja do Brasil. De acordo com informações da Embrapa, a onda de calor pode reduzir a produtividade da soja em até 10% e a do milho em até 15%.

Segundo a economista Nadja Heiderich, professora da Fundação Escola de Comércio Álvares Penteado (Fecap), as temperaturas acima de 40°C estão prejudicando o crescimento das lavouras, o que pode levar a uma redução da produtividade e, consequentemente, a um aumento dos preços dos alimentos. “A soja e o milho são as principais culturas agrícolas do Brasil, responsáveis por cerca de 40% da produção total de grãos do país. A soja é o principal produto de exportação agrícola do Brasil, e o milho é um importante ingrediente

para a alimentação animal e humana”, ressaltou.

Amazônia em alerta

A seca histórica na Amazônia foi devastadora em diversos aspectos, e os efeitos do El Niño podem se prolongar até o fim do primeiro semestre deste ano. Dados do ComexStat, do Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços, constataram que a importação pelo modal aquaviário do Amazonas reduziu seu volume, entre setembro e outubro de 2023, em cerca de 83%. Comunidades no oeste do estado enfrentaram o desabastecimento de itens básicos, como alimentos, além da falta de energia.

O professor da Universidade Federal do Amazonas (Ufam) e diretor adjunto da Federação das Indústrias do Estado do Amazonas (Fieam), Augusto Rocha, apontou que as condições climáticas geraram um gasto excessivo para a chegada de contêineres que abastecem a região, evidenciando a vulnerabilidade da infraestrutura.

“É esperado que a chuva recomponha o trânsito de navios em dezembro, mas será que poderemos, como sociedade, construir uma alternativa para o rio se transformar em hidrovia? Há um território enorme na Amazônia e uma ausência histórica de realizações amplas de planos”, disse.

Rocha avalia que o maior gargalo para o desenvolvimento econômico da região amazônica é a falta de infraestrutura, evidenciada em momentos críticos, como a seca enfrentada neste ano. “A presença do governo federal dificilmente é percebida como valiosa pelos moradores, além das ações voltadas para os aspectos mais sociais de presença do Estado”, destacou.

Seguros catástrofe

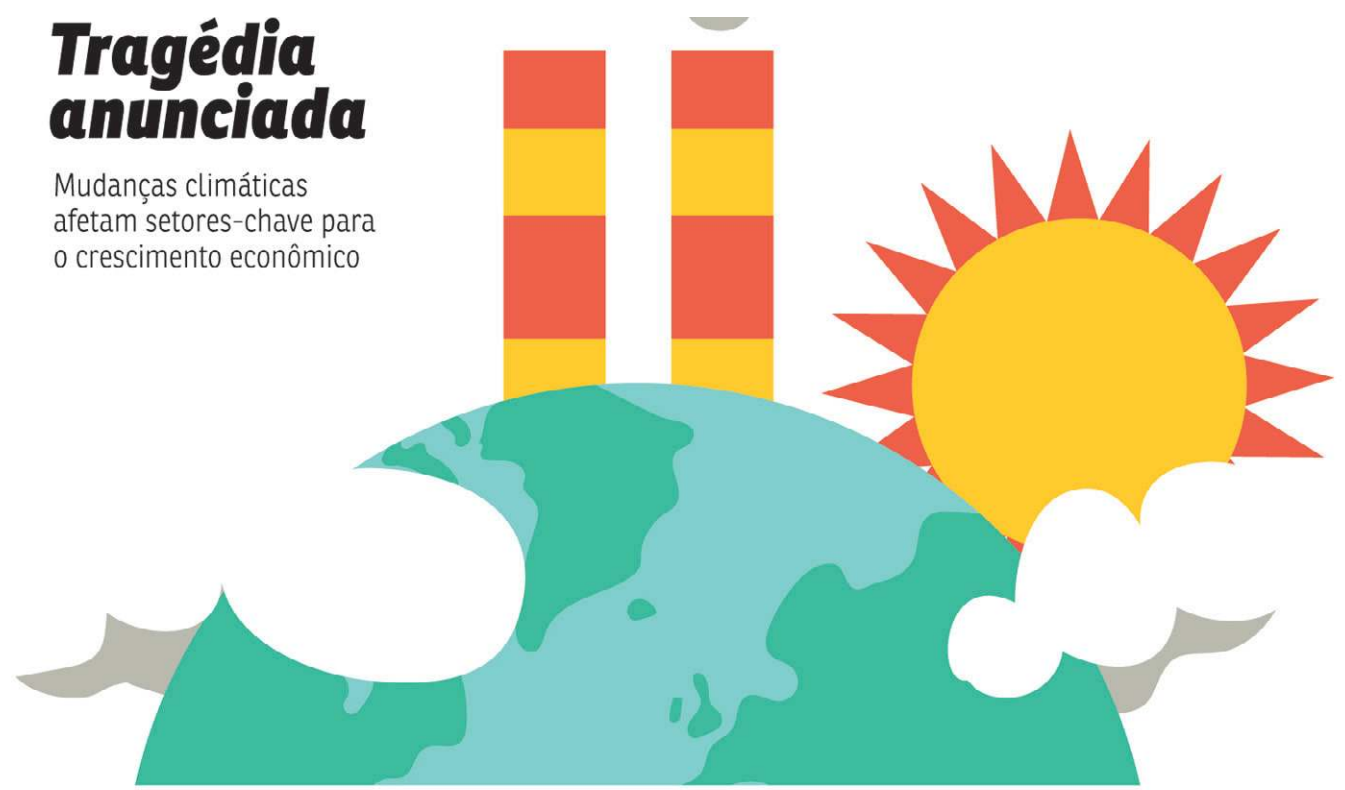
O setor de seguros é apontado como uma alternativa para os desastres climáticos. Durante a 28ª Conferência do Clima da Organização das Nações Unidas (ONU), a COP28, foi assinado um acordo de cooperação assinado entre a Confederação Nacional das Seguradoras (CNSeg) e o ICLEI, associação mundial de governos locais e subnacionais dedicada ao desenvolvimento sustentável.

A proposta visa consolidar no país um programa de seguros destinado especialmente aos municípios brasileiros, para suporte em caso de desastres. Segundo o presidente da CNSeg, Dyogo Oliveira, o tema está sendo tratado com o governo, e a ideia é oferecer algo parecido com o seguro rural, só que voltado para catástrofes.

“Temos que nos posicionar como parte da solução, no sentido do enfrentamento das consequências, mas também da prevenção e resiliência às mudanças climáticas. O setor de seguros tem um conhecimento sobre como prevenir danos e, hoje, é um comportamento bastante comum em segmentos como, por exemplo, o agronegócio”, concluiu.

Tragédia anunciada

Mudanças climáticas afetam setores-chave para o crescimento econômico



Segundo dados do Fórum Econômico Mundial (WEF, na sigla em inglês), efeitos adversos causados pelas mudanças climáticas podem gerar perda anual de 4% da produção econômica mundial até 2050

No horizonte de dois anos, o relatório menciona uma eventual crise pela alta no custo de vida, em quadro de inflação global mais elevada, desastres naturais e eventos extremos no clima

No horizonte de 10 anos, são mencionados, entre outros, o risco de fracasso para mitigar as mudanças climáticas e se adaptar a elas, perda de biodiversidade, imigração em larga escala involuntária e crises em recursos naturais, entre outros.

As mudanças climáticas afetam diferentes setores da economia de forma desigual. Alguns dos mais vulneráveis são:



Agricultura

O aumento da temperatura, a alteração do regime de chuvas, as secas e as inundações podem comprometer a produtividade e a qualidade das culturas agrícolas, além de aumentar os riscos de pragas e doenças. Segundo o EcoDebate, a produção mundial de alimentos pode cair entre 10% e 25% até 2050 por causa das mudanças climáticas.



Energia

Cerca de 50% das falhas ocorridas nas linhas de transmissão do sistema elétrico no passado estão associadas às tempestades acompanhadas de raios, chuva e ventos muito fortes. Juntos, são capazes de interromper o fluxo de energia ao longo das linhas, interferindo no fornecimento de energia.



Turismo

Os efeitos climáticos podem afetar negativamente a oferta e a demanda de serviços turísticos, por exemplo, reduzindo a atratividade de destinos litorâneos por causa do aumento do nível do mar, ou de destinos montanhosos com deslizamentos. Um estudo da Universidade de Cambridge prevê que o turismo global pode perder até 8% do seu valor até 2100 por causa das mudanças climáticas.

SEGURO-CATÁSTROFE

■ Uma alternativa debatida entre o governo e empresas do setor de seguro é a criação de um seguro catástrofe, na tentativa de mitigar os prejuízos causados por chuvas extremas, seca e vendavais.

■ Um programa deve ser disponibilizado aos municípios brasileiros para suporte em caso de desastres climáticos. Além disso, é prevista também a criação de uma espécie de seguro social para atender as vítimas de tragédias naturais no país.

■ A proposta visa impactar todas as camadas sociais do país, e a estimativa é de que o custo do produto fique entre R\$ 2 e R\$ 5 mensais. A intenção é que o valor seja descontado diretamente na conta de energia elétrica.

■ A indenização prevista seria de R\$ 15 mil a R\$ 20 mil por residência afetada e transferida por meio do Pix de maneira automática ao segurado.

Especialistas alertam que os eventos climáticos extremos resultam em custos crescentes de sinistros, pressionando as seguradoras a pagarem indenizações mais elevadas, o que é um risco à sustentabilidade do setor.

Fontes: WEF, EcoDebate e CNSeg